

TECENDO MEMÓRIAS, ATRAINDO OLHARES: A APROPRIAÇÃO DE PADRÕES ORNAMENTAIS E DECORATIVOS NA EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Rita Isabel Vaz.¹
Bernadette Maria Panek.²

RESUMO: Esta pesquisa teve por objetivo investigar a ressignificação de objetos do universo feminino na poética das artistas Beatriz Milhazes e Leda Catunda, do Brasil e Joana Vasconcelos, de Portugal, que utilizam referências e técnicas trazidas de um processo artesanal para a produção de arte. A escolha destas artistas pautou-se na existência da possibilidade de um diálogo entre a poética de cada uma delas com a minha. Em seus trabalhos utilizam-se de objetos femininos, deslocando-os do lugar comum para a arte. Suas cores são vibrantes, tratam de questões sociais e de gênero, inspiram-se na cultura popular. Os trabalhos manuais, os adornos e ornamentos nas obras destas artistas reafirmam o fazer artesanal e feminino no espaço da arte. O objetivo de compreender a poética de cada uma das artistas e a minha própria foi se construindo ao longo do trabalho, na realização de obras autorais. O procedimento metodológico parte da investigação teórica e do trabalho prático em relação dialética ao longo de todo o processo. Algumas perspectivas foram abertas por meio dessa pesquisa que certamente se ampliam na relação com a arte. Ao tecer essa narrativa, ao dialogar com as sensibilidades que as artistas mencionadas evocam nas urdiduras de suas obras, ao ver-me enredada nos possíveis significados de seus trabalhos identifiquei minha poética e construí obras que modificam meu próprio olhar, almejando seduzir/transformar o olhar do espectador. Resultou deste processo a realização de cinco obras nas quais utilizei tecidos de padronagens diversas, deslocados de seu uso habitual para construção de objetos, estes trabalhos estabelecem diálogo poético com as artistas mencionadas, remetem à ideia de tecer uma obra ao mesmo tempo em que se tece a vida, contando uma história, deixando "pegadas". A pesquisa teórica ressaltou a importância histórica dos trabalhos manuais, enquanto meio de sobrevivência para muitas mulheres, embora confinadas no espaço doméstico, provocaram a transformação

¹ Graduação Escultura. 2015. Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR, Brasil. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Psicóloga pela Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7193503437137397>. E-mail: ritaivaz@gmail.com

² Artista plástica, pesquisadora e professor adjunto da UNESPAR/Embap. Especialista em História da Arte pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná/Embap (1997). Mestre em Poéticas Visuais (2003) e Doutora na Linha de Pesquisa História da Arte pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2008). Pós-doutorado (2013) com bolsa da Capes, no Departamento de Escultura da Universidad del País Vasco/EHU, onde é colaboradora internacional no Grupo de Investigación Consolidado del Sistema Universitario Vasco IT655-13, cuja pesquisa parte dos propósitos colocados pelo escultor Jorge Oteiza. Entre 1993 e 1996 dirigiu o Museu da Gravura Cidade de Curitiba, onde atuou como orientadora dos cursos livres nos ateliês de gravura de 1989 a 1992. Implantou o conteúdo acadêmico dos cursos de Especialização Lato Sensu em História da Arte do Século XX (1998), de História da Arte Moderna e Contemporânea (2004), do qual foi coordenadora até 2013 e de Museologia (2005), do qual foi coordenadora até 2008, na Embap. Artista residente no Tamarind Institut - Albuquerque, Novo México (1993); London Print Workshop - Londres (1994); Portland Northwest College of Art (1997). Pesquisadora visitante na Universidad del País Vasco/EHU (2001/2002); na Universidad Politécnica de Valencia (2006/2007); na Universidad del País Vasco/EHU, com bolsa da Fundación Carolina (2009/2010). Tem obras em acervos no Museu da Gravura Cidade de Curitiba; Biblioteca Nacional/Rio de Janeiro; Portland Museum/Oregon; Universidade Regional de Blumenau/Santa Catarina; Coleção Guita e José E. Mindlin/São Paulo; MAC-Dragão do Mar/Fortaleza. <http://lattes.cnpq.br/2896459468286953>. E-mail: bernapanek8@gmail.com

das relações de subordinação financeira. Ao aprofundar-me no estudo da poética destas artistas vislumbro alegria, aconchego, maciez, conforto, cores e formas. Interessa-me especialmente o que elas trazem de intrigante, de belo, de lúdico e, ao mesmo tempo, de contestador.

Palavras-chave: Memórias. Apropriação. Deslocamento.

WEAVING MEMORIES, ATTRACTING LOOKS: THE APPROPRIATION OF ORNAMENTAL AND DECORATIVE PATTERNS IN THE ARTISTIC EXPRESSION

ABSTRACT: The goal of this research was investigating the resignification of objects from the feminine universe in the poetics of the artists: Beatriz Milhazes and Leda Catunda, from Brazil and Joana Vasconcelos, from Portugal, whom use references and techniques brought from a craft process to the production of art. The choice of these artists was based on the existence of the possibility of a dialogue between the poetics of each one of them with mine. In their works they use feminine objects, moving them from the common place to the art. Their colors are vibrant, deal with social and gender issues, and are inspired by popular culture. The handicrafts, adornments and ornaments in the works of these artists reaffirm the artisanal and feminine making in the art space. The aim of understanding the poetics of each of the artists and my own was to building itself through the work, in the realization of authoral works. The methodological procedure starts from theoretical research and practical work in dialectic relation throughout the whole process. Some perspectives were opened by this research, which certainly widens themselves in relation to art. When I weaves this narrative, when it dialogues with the sensibilities that the mentioned artists evoke in the warps of their works, when I see myself entangled in the possible meanings of their works, I identify my poetics and construct works that modify my own look, aiming to seduce/transform the look of the viewer. The result of this process was the realization of five works in which I used fabrics of different patterns, displaced from their habitual use to the construction of objects, these works establish a poetic dialogue with the aforementioned artists, and refer to the idea of weaving a work at the same time as weaving life, telling a story, leaving "footprints". The theoretical research emphasized the historical importance of manual labor, as a means of survival for many women, even though confined in the domestic space, they transformed the relations of financial subordination. As I delve deeper into the study of the poetics of these artists, I envision joy, cosiness, softness, comfort, colors and shapes. I am particularly interested in what they bring of intriguing, beautiful, playful and, at the same time, challenging.

Keywords: Memories. Appropriation. Displacement.

O vento apaga as pegadas das gaivotas. As chuvas apagam as pegadas dos passos humanos. O sol apaga as pegadas do tempo. Os contadores de histórias procuram as pegadas da memória perdida, do amor e da dor, que não são vistas, mas que não se apagam.(GALEANO, 2016, p. 13)

Tecer, bordar, costurar e crocheter são atividades que relaciono com afetos, remetem a uma relação de proximidade/intimidade com fios, agulhas e tecidos. Na numerosa família, em que tive o privilégio de nascer, as habilidades manuais, que atravessaram séculos e oceanos, eram transmitidas pelas mães às filhas, desde a infância. Assim, aos cinco anos aprendíamos a fazer crochê, aos onze a costurar, bordar, fazer nossas próprias roupas. Tecidos, para mim, trazem inscritas memórias: portuguesas, africanas, indígenas, e entrelaçam histórias, numa mistura de cores e alegrias. Minha mãe usava a expressão "tempo longo" para designar um passado distante, e tecido vem desse tempo, porque remete à pele, ao tecido corporal, a tudo que envolve, aquece, conforta, enfeita e oferece possibilidades de forma, cor e textura.

O fascínio e encantamento que os tecidos exercem sobre meu imaginário, neste tempo/espço em que existiam antes de mim e de meus antepassados, estão também nas mãos que os precederam, que os teceram. A transformação de fios em tecidos é mágica, fantasia para o olhar. Os fios se fazem na roca, entrelaçam-se no tear: urdidura e trama anunciam a magia.

O que realmente vale a pena nesta vida são as relações que estabelecemos com os outros, são essas relações que transformam objetos em afetos. E assim penso nas pessoas, relacionando-as aos tecidos que usaram ou que, na minha memória, as representam. Os tecidos de estampas delicadas e fundo preto me remetem à minha avó paterna, o xadrez de vermelho e cinza ao meu pai, os azuis de estampas florais à minha mãe, os tons de verde *dégradé* à minha irmã Maria, as cores verde-limão, laranja e rosa-choque à irmã Vania que nos anos de 1970, personificava minha referência de mulher adulta, os azuis claros à irmã Lidia, e assim poderia relacionar uma lista infinita de padrões.

Em um tempo em que a memória de todas essas pessoas se fez presente e tornou-se uma história a ser contada, confeccionei pequenos bonecos de pano e os reuni em uma árvore genealógica. Cada boneco trazia o tecido que representava determinada pessoa na memória afetiva. Para encontrar esses tecidos "imaginados" percorri brechós, vasculhei baús, desfiz roupas antigas. Antes disto, eu sonhava tecidos, já os sondava com os olhos e começava uma coleção, pretendendo combiná-los na construção de objetos. As lojas de tecidos passaram a fazer parte dos roteiros de viagem e trouxeram estampas, texturas, lembranças, toques de diferentes lugares. Tecido é algo que envolve, adorna, acolhe, acaricia. Ficam soltos ao vento da imaginação, os olhos tocam antes das mãos. Nessa relação tecido/pele percebo as pessoas e posso atribuir a cada uma um tecido que seja sua própria pele. Tecidos são conforto, proteção, amor, expressam transformações. Primeiro são fios que se entrelaçam em tramas, depois, podem ser qualquer coisa que se queira, podem cobrir, vestir, enfeitar, enxugar, acariciar...

A canção/poema *A Linha e o Linho* provoca profundo enternecimento ao construir com delicadeza a imagem do aconchego da vida amorosa, inscrito na pele/tecido:

É a sua vida que eu quero bordar na minha,
como se eu fosse o pano e você fosse a linha [...]

Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa.

Reproduzidos no bordado.

A casa, a estrada, a correnteza.

O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza"(GIL, 2013, p. 8,20,22).

Encontro nos tecidos as possibilidades apontadas por Matisse, quando defendia a pintura decorativa: "Um quadro num interior emana a seu redor, por meio das cores, uma alegria que nos deixa mais leves." (MATISSE, 2007, p. 357) Para ele a arte deveria funcionar como um lenitivo, como relaxamento do cansaço de um dia de trabalho, provocando sensações tranquilizadoras. (MATISSE, 2007, p.47) Este deleite que busco nas estampas escolhidas que, em suas cores e formas, provocam sensações prazerosas. As estampas, como pinturas, decoram, redimem, provocam, dialogam. As impressões florais com suas cores vibrantes e alegres remetem à natureza, aos jardins, à primavera. As africanas contam histórias de convívio com a terra, com os animais, com a simbologia, misturam padrões geométricos e orgânicos. A padronagem indiana, *cashmere*, com seus tons laranja, verde-limão e rosa-choque traduzem memória afetiva, arraigada, ousadia e requinte sensual expressados nas roupas usadas nos anos de 1970, inspiração e representação de prazer e liberdade, de paz e amor, como bradava o lema dos *hippies*, enraizado no meu imaginário, janela aberta para um mundo de cores e padrões.

Percebo o mundo em suas contradições, reflito criticamente sobre a vida, sobre as relações entre as pessoas, sobre as injustiças sociais, as desigualdades; meus olhos não estão fechados para a realidade que se mostra entre nuvens e trovões, porém busco o sol avermelhado do entardecer. Fazemos escolhas, como pessoas e como artistas. Meu trabalho pretende fazer a crítica daquilo que

desagrada e provoca indignação, mas escolho fazê-la através da beleza, da vibração de cores e formas, buscando o toque, a pele, o invólucro, colorindo a vida e acreditando que nas relações entre as pessoas encontra-se o maior encanto. Os tecidos oferecem as possibilidades de expressão que busco pela função de envolver com maciez, pelo êxtase das cores, pelo ritmo dos padrões. Os tecidos dançam, vibram, voam, se alongam até as pessoas, enchem os olhos, provocam, relaxam. Os tecidos vestem o mundo.

A escolha das artistas Beatriz Milhazes, Leda Catunda e Joana Vasconcelos, para este estudo, pauta-se na existência da possibilidade de um diálogo entre a poética de cada uma delas com a minha. Em seus trabalhos utilizam-se de objetos femininos, deslocando-os do lugar comum para a arte. Suas cores são vibrantes, tratam de questões sociais e de gênero, inspiram-se na cultura popular: Milhazes e Catunda, do Brasil, Vasconcelos de Portugal. As artistas são contemporâneas, e encontram-se em processo de produção. Em suas obras identifico energia de vida, pulsação, vibração. Destacam-se esteticamente na ordenação das cores, na qualidade das formas, no jogo dos padrões e na utilização de tecidos.

Interessa ao meu trabalho tanto a técnica da colagem, quanto a iconografia de Beatriz Milhazes. As cores vibrantes que utiliza em suas composições e a maneira como incorpora elementos do universo feminino, reinventando-os. Sua proposta de arte se pauta no prazer estético, Milhazes "queria misturar ideias construtivas e geométricas com decoração e simbolismo, pois isso se aproxima mais da vida" (MILHAZES, 2008, p. 91). Constrói seu repertório iconográfico com base no cotidiano, no *design* e na arte. Provoca o convívio, numa mesma obra, de elementos de diferentes espaços.(COSTA, 2008, p. 105). Nas obras *Açúcar, Me perdoa... Te perdôo e Moon*,³ Milhazes utiliza a colagem como meio para explorar possibilidades, num processo de apropriação e revisão do imaginário visual.(MESQUITA, 2008, p. 17). Cria imagens e o resultado final é uma explosão de cores que ondulam e vibram provocando o olhar. A colagem é uma constante em seu trabalho, desde as composições da obra *Moon*, com embalagens de balas e bombons, passando pelo decalque de motivos colecionados e aplicados sobre plásticos, até os adesivos de vinil utilizados nas obras públicas. (COSTA, 2008. p. 91, 92)

Milhazes, no sentido que dá ao seu trabalho, aproxima-se de Henri Matisse: na afirmação da vida; no caráter gráfico das formas; no uso de cores puras e chapadas; na pintura como jogo tenso de articulações e embates entre planos e motivos; no gosto pelo decorativo tomado como tema e estratégia pictórica. (MESQUITA, 2008, p. 17)

A disposição dos elementos no espaço pictórico e as cores escolhidas não seguem um princípio estabelecido, seguem um sistema intuitivo. Ela experimenta diferentes combinações. Tanto no processo quanto na iconografia, a artista incorpora o que se associa ao universo feminino. Explora questões que vão além do belo ou ornamental, pois existe um contraponto entre beleza e exuberância e as imperfeições da superfície, e é esta tensão entre beleza e aspereza que vai demonstrar as contradições da sociedade e transcender a questão ornamental. (COSTA, 2008, p.93).

Destacam-se as cores vibrantes, a coleção de padrões que remetem às estampas dos tecidos, a iconografia cheia de beleza e humor, a forma como apresenta cheia de brasilidade. O trabalho de pintura abstrata brinca com a linguagem ao dar às suas produções títulos poéticos e intrigantes, como:

- *Ei...Oi...E aí? Vem, Vamos!*

- *Com quem está a chave do banheiro 10.*

³ As imagens das obras citadas não foram reproduzidas neste artigo em razão da ausência de resposta à solicitação de uso de imagens e considerando os direitos autorais, porém encontram-se disponíveis no site abaixo indicado:

http://www.museuoscarniemeyer.org.br/exposicoes/exposicoes/realizadas/2013/beatriz_milhazes

- *Ramadés, após conquistar o Egito, declara seu amor para Aída.*

Fica evidente a presença de um discurso acerca das questões de gênero – nos motivos, que reportam às estampas presentes nos tecidos e aos crochês, rendas, buquês, trepadeiras, flores, colares, arabescos – que pertencem ao universo doméstico, porém são apropriados e deslocados. As formas geométricas e orgânicas, bem como as cores vibrantes, se sobrepõem e dançam frente ao olhar do espectador. Seu trabalho veste o ambiente e demonstra "o fascínio pelo carnaval e pela padronagem dos tecidos populares." (HERKENHOFF, 2006, p. 19). "As pinturas de Milhazes têm também um caráter social autoconsciente" (SCHABSKY, 2003, p. 109). Seus motivos falam da feminilidade, tanto a construída socialmente quanto como modo de vida e de trabalho que muitas mulheres fizeram e fazem.

A segunda artista com a qual construo essa narrativa, Leda Catunda, se apropria de imagens que estão no mundo e sobre elas interfere e as reorganiza. Constrói o seu trabalho partindo de tecidos e objetos do cotidiano e utiliza-se da colagem, da costura, da sobreposição e vedação de pintura sobre estampas. Usa em suas obras uma "manualidade deliberada, que se baseia em atividades associadas ao ambiente doméstico e feminino" (TONI, 2009, p. 25). Explora o campo visual, atribuindo-lhe dimensões táteis. Escolhe formas orgânicas e arredondadas, dando-lhes conotações de afeto. Algumas paisagens são recorrentes em seus trabalhos, identificadas com a sua memória afetiva e assumem uma representação onírica, "evocam árvores genealógicas nas quais os elementos estão ligados menos por laços de família do que pelo mapeamento de uma paisagem social e afetiva" (TONI, 2009, p. 31). No trabalho *Itacaré*, oferece uma imagem que vislumbra as qualidades do tecido, macia, confortável, com cenas de sonho, "nos oferece o paraíso" (TONI, 2009, p. 33).

A base do seu trabalho é a apropriação de diversos materiais de forma surpreendente, permeados por imagens do cotidiano familiar e urbano e "profundamente amoroso." (MESQUITA, 2009, p. 39) Em *Memórias*, evoca algo orgânico como cérebro ou intestino, a pintura surge como "algo profundo no ser humano, integrado à sua vida" (MESQUITA, 2009, p. 41). Em sua tese *Poética da maciez: pinturas e objetos*, explora a visualidade da pintura, apresentando uma série de trabalhos, *pinturas-objetos* com aparência visual e tátil amolecida, e reflete sobre a maciez conectando-se a obras de outros artistas que trabalham com o tema do amolecimento. Seu estudo teórico/prático demonstra o caráter feminino de sua produção, a predominância de formas redondas, ovais e de gotas, as superfícies de bordas grossas e roliças, como em *Almofadas Amarelas*. Em *Mundo Macio, Todo Pessoal II e Amoroso*,⁴ harmoniza família e amigos. Apropria-se de imagens e de materiais macios, atribuindo-lhes novas representações. Essa maneira de Catunda lidar com as memórias afetivas e a busca da maciez por meio da utilização de tecidos encontra afinidade com a expressão que procuro no meu trabalho.

Encontro a possibilidade de diálogo com a poética da artista, tanto pela forma como se apropria de estampas, objetos e afazeres femininos quanto pelo modo como os reorganiza e ressignifica, de forma afetuosa, poética e amorosa. Ela retrata suas memórias pessoais, mas está revelando um momento histórico, está tratando de questões da cultura brasileira e do universo feminino. O desdobramento que oferece em suas obras vai muito além do pessoal: se podemos

⁴ As imagens das obras citadas não foram reproduzidas neste artigo em razão da ausência de resposta à solicitação de uso de imagens e considerando os direitos autorais, porém encontram-se disponíveis nos links:

http://www.ledacatunda.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&cod_Artista=92&cod_Serie=26

http://www.ledacatunda.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&cod_Artista=90&cod_Serie=6

http://www.ledacatunda.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&cod_Artista=91&cod_Serie=9

http://www.ledacatunda.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&cod_Artista=92&cod_Serie=25

reconhecê-la, podemos nos reconhecer como pessoas com questionamentos semelhantes num mundo sobrecarregado de imagens.

Joana Vasconcelos ao deslocar objetos, oferece uma visão ao mesmo tempo cúmplice e crítica da sociedade contemporânea, discute as dicotomias artesanal/industrial, privado/público, tradição/modernidade e cultura popular/cultura erudita. Seu processo criativo envolve "apropriação, descontextualização e subversão de objetos pré-existentes e realidades do cotidiano." (VASCONCELOS, site: <http://joanavasconcelos.com/biografia.aspx>)

Vasconcelos não ignora as mazelas sociais, mas busca saídas, compromete-se também com as causas femininas por meio da beleza e de uma reinterpretação divertida, faz uma espécie de brincadeira visual. Não foge das tradições nem as trata de forma nostálgica, oferece novas interpretações utilizando-se dos materiais visuais, registra momentos de afirmação do prazer e da alegria. Embora exista em seu trabalho crítica cultural, existe também celebração (SARTWELL, 2015, p. 308, tradução nossa). Faz uma releitura do artesanato, recriando e ressignificando objetos de uso cotidiano, colocando-os em outro contexto. A utilização que faz dos tecidos encontra ressonância com o que busco para desenvolver minha poética, na qual os tecidos contam histórias de pessoas e lugares. Antes de artigos de coleção, eram objetos de afeto, peças de memórias. Agrada-me especialmente a forma como Vasconcelos preza a beleza, o colorido e a visão lúdica. Como utiliza o artesanato para criticar o lugar que ocupou durante séculos na vida cotidiana das mulheres, lembrando que o artesanato serviu para mantê-las no espaço privado e também, muitas vezes, como meio de sobrevivência, como trabalho. Em suas obras, desloca o artesanato para o espaço público e ao fazê-lo altera suas funções originais. Discute tanto as questões do feminino quanto do trabalho artesanal, de forma bem humorada, numa profusão de cores que não abandona a noção de belo, mas que a reforça. Mostra que é possível tratar de questões sociais, de injustiças e de indignação, com a beleza e a ludicidade, atraindo e provocando olhares.



Fig. 1. Joana Vasconcelos, *Valquíria #2*, 2004, tricô e crochê em lã feitos à mão, malha industrial, tecidos, poliéster, cabos de aço. 160 x 90 x 300 cm. Exposto na Livraria Martins Fontes, São Paulo, Avenida Paulista. Crédito da imagem: *Valquíria #2* - Manuel Farinha/Cortesia INCM

Desperta intenso alubrimento o contato com a obra acima, exposta na Livraria Martins Fontes, em São Paulo. Pende do teto da livraria envidraçada, como se dançasse e nos convidasse a dançar, exala maciez, euforia e vibração. Indescritível o prazer visual, o estado de êxtase que provocou em mim. Faz parte da série *Valquírias*, que a artista iniciou em 2004 e segue realizando. Um trabalho "excêntrico, suave, complexo e convidativo, bem como estranho" (SARTWELL, 2015, p. 310, tradução nossa). Utiliza o monumental, o gigante, desafiando grandes espaços, utilizando

materiais macios. Ela brinca com a ideia de imenso e, ao mesmo tempo, com cada mudança de significado. Vasconcelos denominou a série de *Valquírias*, lembrando as divindades femininas da mitologia nórdica, "cujo dever era escolher o mais heroico entre os mortos em batalha para levá-los ao paraíso de Valhala" (JUNCOSA, 2015, p. 304, tradução nossa). As *Valquírias* parecem também sobrevoar os espaços de exposição para realizar tarefas divinas. Elas têm aparência biológica e conotações antropomórficas. São estruturas orgânicas, acolhedoras, festivas e prazerosas. Construídas com ornamentos têxteis e com a colaboração de comunidades de mulheres artesãs, mistura técnicas de bordado, crochê, tecidos, formando uma relação multicultural. Para *Valquíria Enxoval*, utilizou o artesanato da cidade de Nisa, em Portugal, reuniu bordados e objetos de olaria, reinterpretando-os à luz da contemporaneidade.

Em *Contaminação*, trabalho apresentado na Pinacoteca de São Paulo em 2008, reproduz formas orgânicas utilizando-se de tecidos trazidos de suas viagens à Turquia, Índia, África e Europa, agregando ornamentos, crochê, tricô e balangandãs de procedências diversas, alguns comprados na Rua 25 de Março, em São Paulo, no período da realização da montagem. Apresenta uma espécie de dragão de muitas cabeças que pende do teto e se espalha, subindo pelas paredes e ao longo do chão, dialogando com a arquitetura do Octógono da Pinacoteca. Este estranho corpo cresce, invade e contorna os vãos, seus tentáculos trançam-se pelas esculturas de Rodin, embrenhando-se pelos dois andares. É uma peça imensa, que sempre é vista em partes e "contamina" o ambiente numa explosão de cores e de infinitos detalhes. Esta série está relacionada às *Valquírias*, possui "mistério poético. Massas tentaculares de cores brilhantes e formas exuberantes se penduram ou se espalham por todo o espaço [...] para constituir metáforas." (JUNCOSA, 2015, p. 304, tradução nossa).



Fig.2. Joana Vasconcelos, *Valquíria Enxoval*, 2009, Alinhavado de Nisa e outros bordados, aplicações em feltro, renda de bilros, frioleiras, olaria pedrada, tricô e crochê em lã feitos à mão, tecidos, adereços, poliestireno, poliéster, cabos de aço. 400 x 530 x 1400 cm. Câmara Municipal de Nisa. Obra produzida com a colaboração de artesãs de Nisa. Crédito de imagem: *Valquíria enxoval* - DMF, Lisboa/©Unidade Infinita Projectos.



Fig. 3. Joana Vasconcelos, Valkyrie Marina Rinaldi, 2014. Croché em lã feito à mão, tecidos, adereços, poliestireno, poliéster, 405 x 480 x 1244 cm. Coleção da artista/Cortesia Galerie Valérie Bach, Bruxelas. Crédito da imagem: Valkyrie Marina Rinaldi - © Fabrizio Orsi



Fig. 4. Joana Vasconcelos, **Contaminação**, 2008-2010, Tricô e croché em lã, feitos à mão, aplicações em feltro, malha industrial, tecidos, adereços, esferovite, poliéster, cabos de aço, dimensões variáveis Pinault Collection. Crédito da imagem: Contaminação (21) - Isabella Matheus, São Paulo

Outra série intrigante e lúdica é a *Bedspreads* (colchas). *Donzela* (2007) é um crochê branco pendurado na sacada de um edifício nobre, como se o vestisse, de forma irreverente e divertida. Foi apresentada em Portugal e na Itália; *Varina* (2008), um delicado crochê que veste a ponte Dom Luís I, na cidade de Porto. Nesses trabalhos contrapõe a delicadeza do crochê às estruturas arquitetônicas do edifício ou da ponte, criando uma imagem de ternura, aconchego e hospitalidade num ambiente inóspito. Transforma a cidade num lugar agradável, como se as edificações, esse espaço público, estivesse vestido para um cerimonial e fosse convite aos olhos e à imaginação.



Fig. 5. Joana Vasconcelos, **Varina**, 2008. Crochê em algodão feito à mão, cabos de aço 1500 x 3500 cm. Fundação Joana Vasconcelos, Lisboa. Crédito da imagem: Varina - ©Ana Paula Carvalho.

Arrebatam-me os sentidos os trabalhos destas artistas na medida em que encontram ressonância em minhas memórias afetivas e projetam-se para um diálogo com o meu próprio trabalho. Ao visualizá-los vislumbro alegria, aconchego, maciez, conforto, cores e formas. Interessa-me especialmente o que eles têm de intrigante, de belo, de lúdico e, ao mesmo tempo, de contestador.⁵

Meus trabalhos autorais estabelecem diálogo poético com estas artistas, entre tantas outras que trabalham com os mesmos materiais e com questões similares, remetem à ideia de tecer uma obra ao mesmo tempo em que se tece a vida, contando uma história, deixando "pegadas". Transitei por fios soltos e embaraçados, separei-os cuidadosamente, desfiz e refiz nós, urdindo tramas e tecendo memórias, para costurar histórias de um "tempo longo". O que espero dos trabalhos que proponho é que, aos olhos, mostrem esperança, delicadeza, beleza, amor e que transcendam estes limites, ressignificando nosso tempo.

Como proposta de trabalho, sob o título *Descansem em paz os mortos dentro de mim*⁶, utilizo tiras de tecidos de procedências diversas que dialogam com as perdas pessoais e sociais. Descansam estes recortes de tecido, sobre uma estrutura de galhos secos, alongando-se e colorindo o ambiente. Discutem multiplicidade e incompletude, dores e prazeres, apontando à beleza. A

⁵ As imagens das obras da artista Joana Vasconcelos foram cedidas e autorizadas pelo Atelier Joana Vasconcelos.

⁶ Esse título é procedente de um jogo de palavras com o livro *Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim*, escrito na década de 1980, pelo terapeuta Sérgio Perazzo, que discute a elaboração de situações de morte. O próprio autor afirma ser um livro sobre a vida, razão de utilizá-lo para denominação do meu trabalho.

escolha deste título marca a representação dos mortos dentro de mim como profundos rastros que definem minha maneira de estar e interagir no mundo. Em todas as situações em que me deparo com perdas por morte ou pelos tantos motivos que a vida nos impõe, recordo-me do livro *Descansem em paz nossos mortos dentro de mim* (PERAZZO, 1986) e nele busco a aceitação do vazio que fica e a projeção da esperança que aponta o mastro enfeitado de plumas coloridas. Convivem em mim as marcas do "tempo longo" e as possibilidades do aqui e agora que vislumbram alegrias compartilhadas.

Neste trabalho busco enfeitar ossos e mastros⁷, transformando-os em balangandãs que serão lançados para encantar os olhos das pessoas. Dançam os tecidos em sutis balanços, homenagem aos ausentes, em celebração aos presentes: "Parecem nos ensinar que para viver é preciso olhar a morte de frente, lamentá-la e depositá-la em lugar próprio e, se possível, tendo um mastro enfeitado como ponto de referência."(PERAZZO, 1986, p. 50).



Fig. 6. Rita Isabel Vaz. **Descansem em paz os mortos dentro de mim**. 2016. Objeto escultórico, galhos de árvore, tiras de tecidos estampados, 250 x 210 x 110 cm. Acervo pessoal, Curitiba.

⁷ Uma das histórias abordadas por Sérgio Perazzo descreve a elaboração da morte pelos índios Mairuns, contada por Darcy Ribeiro em sua obra *Maíra*. Impressionou-me a forma como esses índios lidam com a morte de Anacã, chefe da tribo. Eles depositam o morto em cova rasa no centro da aldeia e convivem com todo o processo de decomposição até que restem apenas ossos que, desenterrados, são distribuídos entre os mais velhos da tribo que lavam, alisam e enfeitam com coloridas plumas, enquanto choram e lamentam a sua morte. Recolhem os ossos num cesto e os levam de canoa até a lagoa dos Mortos. No fundo da Lagoa fincam um mastro, amarram nele o cesto e remam para trás, sempre olhando para o lugar onde Anacã foi deixado. Convivem com a morte e celebram a despedida.

A obra que denomino *As veias aberta da América Latina*, reverenciando Eduardo Galeano, fala por meio de um boneco de tecido, de cujo peito rasgado pende diferentes tecidos e se alastram pelo chão, de todas as atrocidades cometidas contra os povos nativos, ao mesmo tempo em que celebra a multiplicidade de nossas origens. Somos um pouco os que se foram, somos também os que permanecem e devem denunciar pela beleza, pela arte, projetando o colorido que sai das entranhas dos que foram massacrados, apontando para possibilidades de diálogo, solidariedade e compreensão do processo histórico.



Fig. 7. Rita Isabel Vaz. **Veias abertas da América Latina**. 2016. Objeto escultórico, Tiras de tecidos preenchidas de fibra, costuradas a um boneco de tecido, 190 x 157 x 40 cm. Acervo pessoal, Curitiba.

Nós nos nós: somos feitos de muitos fala, pelos carretéis de madeira perpassados por tiras de coloridos tecidos, dos muitos que habitam em nós. Peneira, carretéis e tecidos dialogam com atividades artesanais, com a possibilidade de transformar com as mãos, aludem às relações entre pessoas e como, dentro de nós, convive a diversidade. Discutem os nós das relações humanas, os embaraços e as possibilidades que se abrem se não as deixarmos fecharem-se em desesperanças, revelam beleza e amor. Os tecidos alastram-se pelo chão apontando para a continuidade desta árvore genealógica nos que virão depois de nós.

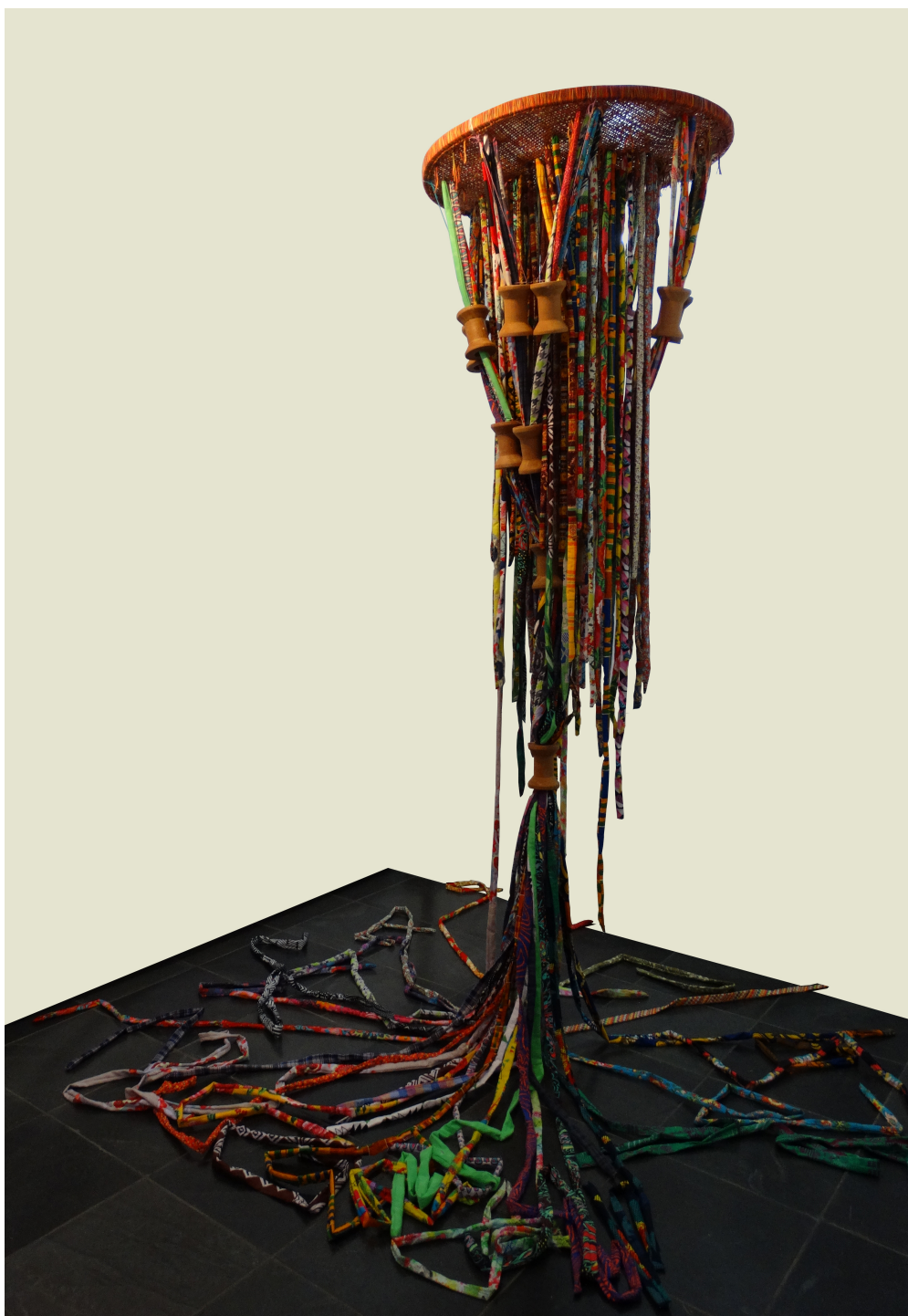


Fig. 8. Rita Isabel Vaz. **Nós nos nós: somos feitos de muitos**. 2016. Objeto escultórico, carretéis de madeira e tiras de tecidos, fixados ao teto, 250 x 0,90 x 0,90 cm. Acervo pessoal, Curitiba.

Pegadas, referência às primeiras marcas que o homem primitivo visualizou no movimento dos seus próprios pés sobre o chão, consiste em passos carimbados, em diferentes direções, sobre tecido. Fala das impressões que deixamos no mundo, bem como das que carregamos em nós, e de como dialogam e determinam nossas relações com os outros seres e com a vida. É de alegria que estou falando, de possibilidades, qualquer que seja a proposta será sempre a de encontrar marcas no labirinto da vida.

De tempos somos.

Somos seus pés e suas bocas.

Os pés do tempo caminham em nossos pés.
Cedo ou tarde, já sabemos, os ventos apagarão as pegadas.
Travessia do nada, passos de ninguém? As bocas do tempo contam a
viagem.⁸



Fig. 9. Rita Isabel Vaz. **Pegadas**. 2016. Objeto gravado, bordado sobre tecido de algodão. 1,20 x 0,90 cm. Acervo pessoal, Curitiba.

Arroubos de sonhos tecidos mostra um manequim feminino coberto de tecidos, onde evoluções circulares ocupam o lugar da cabeça estendendo-se sobre o peito, o corpo como repositório dos devaneios, simbolizam a dimensão dos sonhos que se projetam do universo privado para o público. Projeto nesta representação do corpo feminino a história das mulheres, nossas origens africanas, indígenas, múltiplas, e o desejo de fascinar o mundo com muitas cores. Os diferentes padrões movimentam-se e criam um espaço onírico.

⁸GALEANO, Eduardo. *As bocas do tempo*. Tradução Eric Nepomuceno. Porto alegre: L&PM, 2004. p. 7.



Fig. 10. Rita Isabel Vaz. **Arroubos de sonhos tecidos**. 2016. Objeto escultórico, Colagem de tecido sobre manequim, alumínio retorcido coberto de tecido e tiras de tecidos, 210 x 240 x 240 cm. Acervo pessoal, Curitiba

Os tecidos presentes em todos os trabalhos, expressão de uma linguagem visual particular, reafirmam o mistério, o encanto tanto de suas cores e padrões quanto de suas texturas, falam de maciez, remetem aos afetos, à alegria. A ausência do colorido no mundo afirma a sua presença no meu trabalho, a mão transforma e leva para o mundo cor, movimento e ritmo. A padronagem presente nos tecidos contém a ideia de temporalidade, de processo, de crítica ao cotidiano.

Ressalto a importância histórica dos trabalhos manuais, enquanto meio de sobrevivência para muitas mulheres, embora confinadas no espaço doméstico, provocaram a transformação das relações de subordinação financeira. O trabalho de costureira, bordadeira, crocheteira, transcende o

papel secundário no orçamento, para torná-la principal e muitas vezes única provedora, o que significa ao mesmo tempo liberdade e escravidão. Se por um lado a mulher conquista independência econômica, por outro estende sua jornada de trabalho indefinidamente, para cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e das costuras, bordados, crochês. O trabalho feminino no âmbito do "lar", na manutenção da casa, ou nas atividades manuais, construiu-se historicamente como "não-trabalho", portanto invisível. A percepção destas atividades acontece pela ausência, pela falta. A mulher não é reconhecida como trabalhadora pelo menos num primeiro momento, nem pelas próprias mulheres, que se autodenominam "do lar", nem pelos seus próximos que desqualificam esta categoria de atividade. Estes trabalhos imperceptíveis ganham visibilidade pelas lutas feministas em todos os campos. Poderia enumerar milhares de mulheres que exerceram papel fundamental para transformação do ser feminino, escolho aqui uma artista, Louise Bourgeois que nos anos de 1970, redimensionou o trabalho com tecidos e costura, por meio dos conhecimentos adquiridos da restauração de tapetes, meio de sobrevivência da sua família, retirando-os do espaço doméstico e utilitário para o espaço público da arte, o trabalho manual em sua obra surge como processo de transformação da realidade. Os trabalhos manuais, os adornos e ornamentos nas obras das artistas Beatriz Milhazes, Leda Catunda e Joana Vasconcelos reafirmam o fazer artesanal e feminino no espaço da arte. Algumas perspectivas foram abertas por meio dessa pesquisa que certamente se ampliam na minha relação com a arte. Esta é uma história recente que nos remete à memória do tempo presente, torná-la visível, afirmando sua existência e suas contradições, através da arte, é para mim um desafio.

Ao tecer essa narrativa, ao dialogar com as sensibilidades que as artistas mencionadas evocam nas urdiduras de suas obras e por fim ao me identificar e me ver enredada nos possíveis significados de seus trabalhos identifico minha poética e construo obras que modificam meu próprio olhar, almejando seduzir/transformar o olhar do espectador.

Referências

- COSTA, Oswaldo Corrêa da. In: MESQUITA, Ivo (Org.). **Beatriz Milhazes**: pintura, colagem. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2008.
- GALEANO, Eduardo. **As bocas do tempo**. Tradução Eric Nepomuceno. Porto alegre: L&PM, 2004.
- GALEANO, Eduardo. **O caçador de Histórias**; tradução Eric Nepomuceno. 1ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.
- GIL, Gilberto. **A linha e o Linho**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Escrita Fina. 2013
- HERKENHOFF, Paulo. **Beatriz Milhazes**: cor e volúpia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2006
- JUNCOSA, Enrique. In: VASCONCELOS, Joana. **Material World**. London: Thames& Hudson, 2015. p. 304 [tradução livre de Gabriel Vaz Amorim].
- MATISSE, Henri. **Escritos e reflexões sobre arte**: Henri Matisse. Tradução Denise Bottmann, São Paulo: Cosac Naify, 2007
- MESQUITA, Ivo (Org.). **Beatriz Milhazes**: *pintura, colagem*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2008.
- MESQUITA, Ivo. **Leda Catunda 1983-2008**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009
- MILHAZES, Beatriz. In: MESQUITA, Ivo (Org.). **Beatriz Milhazes**: pintura, colagem. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2008.
- PAUL, Frédéric. **Beatriz Milhazes - Meu Bem**. São Paulo: Base7 Projetos Culturais, 2013

PEDROSA, A. **Mares do Sul**, Rio de Janeiro: CCBB, 2003.

PERAZZO, Sérgio. **Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim**. São Paulo. Francisco Alves, 1986

SARTWELL, Crispin. In: VASCONCELOS, Joana. **Material World**. London: Thames& Hudson, 2015. p. 308 [tradução livre Gabriel Vaz Amorim].

SCHABSKY, Barry. In: PEDROSA, A. **Mares do Sul**. Rio de Janeiro: CCBB, 2003. p. 109

TONI, Lilian. In: MESQUITA, Ivo. **Leda Catunda 1983-2008**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009. p. 25.

VASCONCELOS, Joana. **Material World**. London: Thames& Hudson, 2015

Catálogos

CATUNDA, Leda. **Leda Catunda**: Pinturas Recentes, curadoria Jacopo Crivelli Visconti, Curitiba, Museu Oscar Niemeyer, 2013.

Teses, dissertações e monografias

CATUNDA, Leda. **Poética da Maciez**: Pinturas e Objetos poéticos. 2003. 140 f. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo.

Sites

<http://joanavasconcelos.com/biografia.aspx>

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9441/beatriz-milhazes>

http://www.ledacatunda.com.br/portu/depo2.asp?flg_Lingua=1&cod_Depoimento=42

http://www.museuoscarniemeyer.org.br/exposicoes/exposicoes/realizadas/2013/beatriz_milhazes

http://www.museuoscarniemeyer.org.br/exposicoes/exposicoes/realizadas/2013/leda_catunda

http://www.ledacatunda.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&cod_Artista=92&cod_Serie=26

http://www.ledacatunda.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&cod_Artista=90&cod_Serie=6

http://www.ledacatunda.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&cod_Artista=91&cod_Serie=9

http://www.ledacatunda.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&cod_Artista=92&cod_Serie=25